

CAPÍTULO 6

A PRESENÇA NOCIVA DO PLÁSTICO NAS OFERENDAS DA RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRAS

Data de aceite: 01/04/2024

Auzelene Miranda Gusmão

Pós-doutoranda em Ciências da Educação pela Faculdade Interamericana de Ciências Sociais (FICS)

Maria Clementina de Oliveira

Doutora em Ciências da Educação pela Faculdade Interamericana de Ciências Sociais (FICS)

A presente comunicação tem por objetivo refletir sobre a presença do plástico, enquanto oferenda, nas festas religiosas afro-brasileiras, uma vez ser elemento de comprovado risco para a natureza promovendo impacto ambiental. A metodologia aplicada para tal estudo foi a bibliográfica apoiando-se teoricamente nas abordagens de Guedes em seu artigo ‘Controvérsias em torno do uso do meio ambiente em rituais religiosos afro-brasileiros’.

O ponto de referência da discussão não se apoia no caráter de fé dos seus seguidores, bem como dos seus simpatizantes, mas na ambientação (in)

adequada de sua manifestação quanto às oferendas realizadas em ambiente externo aos espaços de culto mais precisamente conhecidos como terreiro. Mesmo sendo algumas delas reconhecidas como festas das mais populares, consagradas e atrativas, além de possuírem grande porte turístico e fazerem parte do calendário de festividades religiosas de determinadas regiões do país, não introduzem com veemência a política ambiental nos aspectos de dádiva.

É importante notar que a construção de uma mentalidade para o sustentável necessita de mudança de comportamento, inclusive no campo dos dogmas da fé o que significa dizer que o sagrado deve estar para a preservação, para o cuidado com a vida dos seres e do seu universo de habitação, considerando que nenhum mal pode ser dispensado como forma de oferenda, ou seja, desconsiderar que a presença de elementos nocivos como o plástico, no meio ambiente, pode vir a ser considerado oblação.

Para Guedes (2014) existem incongruências a esse respeito, algumas linhas que fazem parte das religiões afro-brasileiras vão ao encontro de atitudes que promovem impactos ambientais, elas se esbarram em modos e ações que contribuem ainda mais para a desconstrução de um ambiente que precisa ser sustentável. É questionável não revisar o pensamento inicial de devoção sem obedecer a esse critério e ainda dar continuidade a ele, mesmo estando em uma atmosfera de discussões que já sinaliza para os perigos de toda e qualquer natureza poluente.

No que se refere à preservação do meio ambiente e com vistas às manifestações sociais que se levantam contrárias ao campo afro-religioso, uma proposta suscitada é a de uma cartilha que visa orientar os terreiros a selecionarem tipos biodegradáveis de oferendas como ação ecológica. Essa orientação pode gradativamente ir se tornando um princípio educacional capaz de promover uma espécie de regularização e filtro que possibilitem excluir o uso do plástico, por exemplo, dos rituais de dádivas aos orixás.

Outra proposta é a de confrontar a realidade dessas oferendas com a concepção que as religiões afro-brasileiras possuem, esse diálogo proporciona expansão quanto ao seu movimento rumo aos aspectos de preservação do meio ambiente, o que contribui para desmistificar a relação dos seus adeptos com os espaços externos e com os orixás, a quem se deve o respeito por estarem diretamente ligados aos elementos da natureza.

É sabido que o plástico e suas variações causam inúmeras consequências para o espaço ecológico, a resistência e durabilidade que possuem são provas de que a sua permanência nos solos, rios e mares trazem desequilíbrio e que, em cadeia, atinge a todos os seres viventes. Partindo desse pressuposto faz-se necessário que os líderes religiosos estejam envolvidos com as causas ambientais, não é necessário que sejam ativistas, mas cidadãos que interagem e transmitem às suas comunidades religiosas a importância de sintonizarem a fé com a natureza.

No entanto, ainda é larga a escala de festas religiosas afro-brasileiras e de outras denominações cristãs que tem fugido às regras de preservação do meio ambiente. Algumas delas, asseguradas por órgãos públicos, com fins lucrativos advindos do turismo não fiscalizam corretamente, e não acentuam as pequenas iniciativas de preservação que algumas já se propõem a fazer. O que vemos consolidado, dessa forma, é a fé transpassando o nível de consciência ecológica e, por ela justificada, submetendo os seus seguidores ao erro.

Na cidade de Salvador, em 2 de fevereiro, comemora-se o dia de Iemanjá denominada Rainha das Águas. Muitos se dirigem às praias em um sincretismo religioso para lançarem as suas oferendas ao mar. Há uma diversidade de presentes devotados a Iemanjá, dentre eles os mais voltados para a beleza, pois acreditam que sua preferência está para os itens que sustentam a sua vaidade, inclusive flores.

Nesse conjunto de adereços temos a presença do plástico de formas variadas como estojos de maquiagem, pentes, colares, espelhos com molduras, além de tampas

de perfumes, champagnes e bonecas. São incontáveis as formas visíveis e até mesmo discretas com que o plástico é inserido nessa devoção, mesmo com a manifestação de pequenos grupos que se preocupam e defendem as causas ambientais, durante o ato religioso, ainda não tem sido suficiente para livrar a atmosfera de um grande impacto causado em um dia de festa.

A sobreposição da fé às nefastas consequências não é heterogênea nesse momento, elas se misturam de forma “(in)consciente” e caminham para uma reverência sem precedentes, enobrecendo o ato da oferenda sob quaisquer circunstâncias, até mesmo no desvio de uma conduta que acarreta por décadas consequências irreversíveis ao meio ambiente. É discrepante a ausência de uma ordenação entre o pensamento da religiosidade afro-brasileira e a sua fé manifestada, mesmo diante de um cenário interno que ratifica a preservação da natureza por ser ela a sua própria expressividade.

É preciso repensar as formas com que as oferendas não biodegradáveis têm sido depositadas nas áreas marítimas, a intolerância não deve ser para com a fé e suas manifestações, mas para com todo e qualquer feito que promova prejuízo ambiental. Substituir as oferendas poluentes, por exemplo, por outras que sejam compatíveis com o ecossistema é uma forma consciente de se trabalhar a preservação ambiental e, sobretudo, relacioná-la aos aspectos da fé demonstrando que esta não é cega.

REFERÊNCIAS

GUEDES, L.C. **Controvérsias em torno do uso do meio ambiente em rituais religiosos afro-brasileiros**. Disponível em; http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402678148_ARQUIVO_Paper29RBA_Copelotti, Lucia.pdf

GUIMARÃES, M. **Educação Ambiental**: no consenso um debate? Campinas, Papirus, 2000.